

PESSOA & NIETZSCHE: ARTE E FILOSOFIA, FILOSOFIA E ARTE*

Cláudia Franco Souza**

Resumo: Neste trabalho, empreende-se uma aproximação entre o pensamento filosófico de Nietzsche e a poesia (bem como a vida) de Fernando Pessoa. Através de uma leitura de "Palavras de Pórtico" (de Pessoa) pela lente nietzschiana, bem como de reflexões sobre as idéias do filósofo alemão, estabelece-se um diálogo entre o filósofo/poeta (Nietzsche) e o poeta/filósofo (Pessoa).

Neste trabalho, pretendo fazer uma aproximação entre o pensamento de Nietzsche e a poética (artística e existencial) de Fernando Pessoa. Para desenvolver tal tarefa, utilizarei o texto de Pessoa "Palavras de Pórtico", interpretando o mesmo através de uma lente nietzschiana. Discorro sobre o pensamento de Nietzsche e a sua biografia, tendo em vista que a sua obra foi sempre um esforço por "tornar-se o que se é". Analiso também o texto de Fernando Pessoa (reproduzido abaixo), que será o núcleo de interlocução com o pensamento de Nietzsche.

* Recebido para publicação em julho de 2007.

** Mestranda do Pós-Lit – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras/UFMG

"Palavras de Pórtico

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: Navegar é preciso; viver não é preciso.

Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar com o que eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha deste fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça." (PESSOA, 2000, p. 15)

Ao fazer a leitura desse texto, é quase impossível não se lembrar de Zaratustra, que, assim como Fernando Pessoa, não aspirava à vida feliz, mas sim à realização de sua obra. Zaratustra pode ser pensado como porta-voz do próprio Nietzsche, que viveu sua filosofia de forma visceral. Sabe-se que é uma tarefa complicada pensar a filosofia nietzschiana como portadora de uma proposta civilizatória. Por outro lado, Nietzsche sabia que engrandeceria a humanidade através dos espíritos influenciados pelo seu pensamento, como podemos comprovar num trecho de uma carta sua escrita a Malwina von Meysenburg:

“[...] Creio ter feito a obra da minha vida, como pode fazer um homem a quem nenhum tempo resta. Sei, porém, que para muitos homens derramei uma gota de bom óleo, que muitos são por mim orientados para uma vida mais elevada, mais serena e lúcida.” (HALÉVY, 1989, p. 178)

Outra importante relação que podemos estabelecer entre o pensamento desses dois autores é o fato de Fernando Pessoa defender o processo da criação, o ato de criar, como essencial na existência humana. Nietzsche foi um grande defensor da arte justamente por acreditar que o processo criativo era um caminho necessário para transvalorar a vida humana, para transfigurar a dor existencial e superar o possível niilismo que levaria ao aniquilamento do homem pelo vazio, pelo nada. Já no jovem Nietzsche do *Nascimento da Tragédia* (2003), com a defesa da metafísica do artista, com a esperança no renascimento da tragédia grega na cultura alemã como uma forma de intensificar a vida, percebe-se essa valorização do criar. Na seguinte passagem, fica claro o pensamento nietzschiano acerca do criar:

“E aqui, com ânimo agitado, batemos à porta do presente e do futuro: levará essa transmutação a configurações sempre novas do gênio e precisamente do Sócrates musicante? Será que a rede da arte estendida sobre a existência, quer sob o nome de religião ou de ciência, há de ser tecida cada vez mais firme e delicada, ou estará destinada a rasgar-se em farrapos, sob a agitação e o torvelinho barbaramente incansável que agora se denominam o presente?” (NIETZSCHE, 2003, p. 96)

É certo que, em *Humano Demasiado Humano* (2005), Nietzsche assume outra concepção em relação à arte, dando maior importância à ciência. Isso pode ser atribuído ao fato de a ciência se contrapor à religião, sendo responsável pela “libertação” do homem, como afirma Renarde Freire Nobre:

“É sabido que Nietzsche se enamorou da tradição Iluminista e do saber científico ali valorado. A visão favorável da ciência centrava-se em um eixo interpretativo elementar e condizente com o Iluminismo: a desqualificação racional do dogmatismo religioso. Nesse sentido essencial, a ciência foi elogiada por Nietzsche em *Humano Demasiado Humano* com diferentes expressões: como método rigoroso, como filosofia libertadora, como rebento maior do Renascimento.” (NOBRE, 2004, p. 72)

Contudo, a partir da *Gaia Ciência* 2001, Nietzsche re-significa o valor da criação, da arte, e as coloca como fundamental para intensificar a vida humana, tornando-a leve, jovial, serena. Esse pensamento acompanhará o filósofo até a sua última obra. Assim como Fernando Pessoa, Nietzsche acredita que necessário não é viver, não é levar qualquer tipo de vida; necessário é criar, transvalorar, ser um alquimista existencial, transformando a tragédia, a dor, em força. A proposta da filosofia nietzschiana é transfigurar a vida através de uma teia artística, estetizar a própria existência.

Na terceira frase do texto de Pessoa, encontramos outra relação entre os dois autores. Fernando Pessoa viveu a sua obra — o seu corpo e a sua alma (na perspectiva deste trabalho, a alma é entendida como interioridade humana) foram lenha da sua obra:

“Excessivo, Pessoa transbordou [...]. Transbordamento aterrorizante, que ele tentava conter pelo recalque, pela ocultação, pela camuflagem. Tendo malogrado em todas as tentativas de contenção, ele transbordou em poesia, e o transbordo poético arrastou o sujeito em seus turbilhões.” (MOISÉS-PERRONE, 1990, p. 11)

Sabe-se que a obra de Nietzsche foi todo o tempo a tentativa de “tornar-se o que se é” e que, em seu processo filosófico, ele foi, durante todo o tempo, criador e criatura. Viveu como filósofo errante, sem pátria, doente, sofrendo em alguns períodos de quase cegueira, solitário na maior parte de sua vida, consciente de que nascera póstumo, de que estava além do seu tempo. Ainda assim, não abdicou de sua “missão” (essa palavra em nada se relaciona com o pensamento cristão, neste contexto); produziu, criticou, destruiu, construiu, deslocou a verdade para além da lógica, fez do campo psíquico (múltiplo em forças) a morada da verdade. *Ousou*, assim como Fernando Pessoa.

Em ressonância com o pensamento nietzschiano, Fernando Pessoa também acreditava e vivia a multiplicidade, o perspectivismo. Pessoa não foi um; foi muitos. Para dar vazão à sua explosiva criação poética, criou vários heterônimos e, para cada um deles, uma forma de olhar, uma perspectiva diferente de sentir, de pensar, de existir. Um passeio pelos seus poemas nos revela toda a multiplicidade de Fernando Pessoa. Os versos de Ricardo Reis não são livres como os de Alberto Caeiro, os quais possuem a naturalidade de um discurso oral enunciado em plena natureza, como que em harmonia com esta. Os versos de Reis são contidos, de um

neoclassicismo quase científico. Já os de Álvaro de Campos são livres, mas não como os de Caeiro. Prosa disposta em forma poética, esses versos são freqüentemente, mais do que livres, desencadeados.

“Seu discurso se deixa atravessar e esquartejar pelas pulsões inconscientes, que se manifestam como anomalias discursivas: caracteres tipográficos variados, assimetria brutal entre versos extremamente longos e outros compostos de uma única palavra, sobrecarga de sinais de pontuação.” (MOISÉS-PERRONE, 1990, p. 25)

Com toda essa diversidade, Pessoa, assim como Nietzsche, parece acreditar que o eu/uno é apenas uma criação; a unidade do sujeito não existe, como fica claro nesta frase do poeta sob a pena de Álvaro de Campos: “Eu que tantas vezes me sinto tão real como uma metáfora.” (PESSOA *in* PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 79.) Ao pensar a questão da ficcionalidade do eu/uno, é quase impossível não remeter ao texto *Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral* (1978), em que Nietzsche discute a questão da linguagem, demonstrando seu caráter arbitrário e defendendo que o conceito é apenas uma metáfora esquecida. Nesse sentido, o conceito do eu, enquanto unidade verdadeira, torna-se apenas uma ilusão. O que existe na concepção nietzschiana é um feixe de múltiplas forças em ação, e não o sujeito-uno.

Outra frase do poeta que demonstra afinidade com o pensamento de Nietzsche é: “A literatura, assim como toda a arte, é a confissão de que a vida não basta” (PESSOA *in* PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 5.) Parece que o niilismo foi um

caminho percorrido também por Pessoa, pois a consciência de que a vida não basta pode-se aproximar do pensamento do nada, do vácuo relacionado ao existir. Alguns estudiosos aproximam Pessoa do ceticismo (que é, em certa medida, muito próximo do niilismo), como relata Sandra Abdo:

“À pergunta contida no título do trabalho (Fernando Pessoa: poeta cético?), respondo, pois, que Fernando Pessoa é, sim, um poeta cético. E isso porque, dada a peculiaridade da sua estruturação polifônica, dada a situação de equivalência das posições epistemológicas que aí se colocam em jogo, a sua obra coloca o leitor em permanente estado de dúvida, sem outra escolha senão a *epoché*, a suspensão do juízo, a abstenção de qualquer juízo, a abstenção de qualquer decisão sobre uma ou outra das posições epistemológicas que diante dele se entrelaçam.” (ABDO, 2002, p. 269)

Se, por um lado, pode-se aproximar o pensamento do poeta português do ceticismo e do niilismo, por outro, pode-se afirmar a sua consciência da necessidade de superá-los com a criação (como comprova a frase escrita no início deste parágrafo). Nesse aspecto, Nietzsche e Pessoa se aproximam muito, pois Nietzsche atravessa o niilismo e propõe a transvaloração do nada em criação. Nietzsche, quando problematiza a morte de Deus, como filósofo póstumo, já previa que boa parte da humanidade cairia no abismo niilista. Diante dessa armadilha que o próprio homem preparou, a saída seria a grande arte (religião, ciência ou arte). Nietzsche

propõe uma estética existencial, um arcabouço ilusório capaz de tornar a vida não só suportável, como leve, jovial, o homem tornando-se criança, abraçando a inocência e dizendo um sim dionisíaco à vida.

Pessoa e Nietzsche viveram a multiplicidade, a contradição. Fernando Pessoa é menos condenado por isso que Nietzsche, pois sua obra se encontra no registro poético, ficcional. Já Nietzsche é, por muitos dogmáticos, criticado pelo seu caráter multifacetado. Ao colocar a verdade de frente para o espelho, Nietzsche supera a filosofia, tornando-se filósofo/artista e inaugurando um novo olhar sobre a razão humana. Assim como o filósofo, Pessoa é um inovador, já que sua obra vai além de qualquer esforço de significação racional/dogmática. É preciso ler Nietzsche e Pessoa com o corpo, com a alma, com as nossas diversas perspectivas do olhar, pois a obra desses dois inovadores vai além do bem, do mal, do certo, do errado, do belo, do feio. Pensar com os dois em profundidade é mergulhar numa bela, firme e multicolorida teia artística.

Résumé: *Dans ce travail, une approche est entreprise entre la pensée philosophique de Nietzsche et la poésie (et la vie) de Fernando Pessoa. À partir d'une lecture de "Palavras de Pórtico" (de Pessoa), aussi bien que des réflexions sur les idées du philosophe allemand, un dialogue entre le philosophe/poète (Nietzsche) et le poète/philosophe (personne) est établi.*

REFERÊNCIAS

- ABDO, Sandra Neves. *Fernando Pessoa: Poeta Cético?* São Paulo: USP, 2002.
- HALÉVY, Daniel. *Nietzsche: uma biografia*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda e Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.
- LIMA, Márcio José Silveira. *As Máscaras de Dioniso*. São Paulo: Discurso Editorial, 2006.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando – rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.
- LOURENÇO, Eduardo, OLIVEIRA, Antônio Braz de. *Fernando Pessoa no seu tempo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1988.
- MACHADO, Roberto (org). *Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MOISÉS-PERRONE, Leyla. *Fernando Pessoa: Aquém do eu, além do outro*. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. *Así habló Zarathustra*. Madri; Alianza Editorial, 1999.
- _____. *Ecce Homo – Como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- _____. *Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- _____. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- _____. *Humano Demasiado Humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

_____. *Obras Incompletas. In: Verdade e mentira no sentido extra-moral.* Coleção Os pensadores. Tradução de Rubens Torres Filho. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 45-52.

_____. *O Nascimento da Tragédia.* Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Textos Didáticos. Fragmentos Póstumos.* Tradução de Oswaldo Giacóia Jr. 2 ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002.

NOBRE, Renarde Freire. *Perspectivas da Razão – Nietzsche, Weber e o conhecimento.* Belo Horizonte: UFMG, 2004.

PESSOA, Fernando. *O Eu profundo e os outros eus.* Seleção poética e nota editorial de Afrânio Coutinho. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. *Obra Poética.* 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1965.

SAFRANSKI, R. *Nietzsche: biografia de uma tragédia.* São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SQUEFF, Maria Ozomar Ramos. *A Filosofia na poesia de Fernando Pessoa.* Tradução de Lory Zielinsky. Rio Grande do Sul: Porto alegre, 1980.